

ENCONTROS DIALÓGICOS SOBRE DROGAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ROMANINI, M.¹; SILVA, G. L. da²; PEDROSO, D. N.³; SILVA, J. C. da R. da⁴; VARGAS, E. S. B. de⁵ & WINTER, G. da F.⁶

¹Doutor em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS, <https://orcid.org/0000-0003-3288-4763>. E-mail: moisesromanini@yahoo.com.br; ²Discente de Psicologia, Universidade de Santa Cruz do Sul – Campus Montenegro/RS, <https://orcid.org/0000-0001-7933-7893>. E-mail: gersonluis@live.com; ³Discente de Psicologia, Universidade de Santa Cruz do Sul – Campus Montenegro/RS, <https://orcid.org/0000-0002-1323-2973>. E-mail: deisepedroso@mx2.unisc.br; ⁴Discente de Psicologia, Universidade de Santa Cruz do Sul – Campus Montenegro/RS, <https://orcid.org/0000-0002-5340-7942>. E-mail: juliacibele@mx2.unisc.br; ⁵Discente de Psicologia, Universidade de Santa Cruz do Sul – Campus Montenegro/RS, <https://orcid.org/0000-0002-0193-509X>; ⁶Mestre em Educação (UNISC), Doutoranda em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Professora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul, <https://orcid.org/0000-0003-2981-0640>. E-mail: gabriellywinter@unisc.br.

Artigo submetido em abril de 2020 - DOI 10.32356/exta.v21.n1.43945

RESUMO

O Projeto de Extensão “Encontros Dialógicos sobre Drogas, Saúde e Educação na comunidade de Montenegro/RS” se constituiu a partir de um movimento de aproximação do Departamento de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, com a Prefeitura Municipal de Montenegro. Esse trabalho tem como objetivo apresentar e problematizar as ações desenvolvidas ao longo de quatro anos, nos quais foram realizados encontros dialógicos com gestores, profissionais e usuários dos serviços de saúde, educação e assistência social visando a construção de articulações da rede intersetorial frente à questão do uso e abuso de drogas na comunidade de Montenegro. Cabe destacar que, embora se trate de um projeto de extensão, a metodologia proposta é inspirada na tradição das pesquisas participativas, mais

especificamente da Pesquisa-Intervenção. Após um movimento cartográfico junto aos espaços e atores comunitários, bem como o mapeamento das necessidades e demandas, confirmou-se a necessidade de um trabalho voltado ao uso e abuso de álcool e outras drogas entre jovens e adolescentes. Dessa forma, busca-se, através dessas ações, estabelecer um vínculo com os jovens, oportunizando espaços de criação, participação e pensamento crítico. Por outro lado, temos a formação cidadã dos acadêmicos de psicologia envolvidos no projeto, que estão compartilhando saberes com a comunidade em que vivem. Já como resultado para a instituição, espera-se promover uma maior aproximação com a comunidade, divulgando os cursos e estreitando os laços para a proposição de outras ações no futuro.

PALAVRAS-CHAVE Comunidade. Educação. Drogas. Saúde.

DIALOGICAL MEETINGS ON DRUGS IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT

The Extension Project “Dialogical Encounters on Drugs, Health and Education in the community of Montenegro / RS” was formed from a movement of approximation between the Department of Psychology of University of Santa Cruz do Sul, and the Municipality of Montenegro. This work aims to present and problematize the actions related to the prevention of the use of alcohol and other drugs, developed over four years in that city, in which dialogical meetings were held with managers, professionals and users of health, education and social assistance services aiming at building articulations of the intersectoral network in the face of the issue of drug use and abuse in the community of Montenegro. It should be noted that, although it is an extension project, the proposed methodology is inspired by the tradition of participatory research, more specifically Research-Intervention. After a cartographic

movement with the community spaces and actors, as well as the mapping of needs and demands, the need for work focused on the use and abuse of alcohol and other drugs among young people and adolescents was confirmed. In 2019, a study group started with 4 psychology students selected to participate in the referred project. Thus, it is sought, through these actions, to establish a bond with young people, providing opportunities for creation, participation and critical thinking. On the other hand, we have the citizen education of psychology students involved in the project, who are experiencing and sharing knowledge with the community in which they live. As a result for the institution, it is expected to promote a closer relationship with the community, publicizing the courses and strengthening ties for proposing other actions in the future.

KEYWORDS: Community. Education. Drugs. Health.

1 INTRODUÇÃO

Desenvolvido, em sua primeira etapa, ao longo do ano de 2016, o Projeto de Extensão “Encontros Dialógicos sobre Drogas, Saúde e Educação na comunidade de Montenegro/RS” foi proposto, inicialmente, como uma forma de aproximação com esta comunidade, tendo o tema drogas apenas como um disparador para encontros dialógicos com a comunidade e um mapeamento das necessidades e demandas. Para apostar e investir na construção de articulações de uma rede intersetorial, um primeiro movimento foi o de sensibilizar as pessoas para o tema, através da proposição de encontros dialógicos na comunidade e com a comunidade.

Os encontros dialógicos envolvem um esforço para levar em consideração a perspectiva do outro e reconhecê-la como legítima. Aqui o diálogo é tomado em suas dimensões ontológica, como um meio de compreender a constituição do ser, e epistemológica, através dos saberes concretizados nas práticas sociais (JOVCHELOVITCH, 2008). Nesse tipo de encontro, podemos pensar numa “ecologia dos saberes” (SANTOS, 2007), na qual existe a possibilidade de que a ciência não constitua uma monocultura, mas como parte de uma ecologia mais ampla de saberes.

A proposta é que o saber científico possa dialogar com os saberes populares e do senso comum, com os saberes construídos nas práticas cotidianas. Aqui o fundamental “não é ver como o conhecimento representa o real, mas conhecer o que determinado conhecimento produz na realidade; a intervenção no real. [...] É importante saber qual é o tipo de intervenção que o saber produz” (SANTOS, 2007, p.33). Os encontros se tornam dialógicos, portanto, quando se alcança a consciência dos ganhos envolvidos na coexistência e na inclusão da perspectiva dos outros. Não pensamos mais em substituição de formas de saber, numa escala linear evolutiva, mas na hibridização dos sistemas de saber (JOVCHELOVITCH, 2008).

Ao adentrar na pesquisa e intervenção no campo das políticas sobre drogas, é necessário reconhecer que muitos são os significados ou sentidos atribuídos à palavra droga. Mas geralmente a droga é entendida como algo que faz mal à saúde e é relacionada, principalmente, às substâncias consideradas ilícitas, como é o caso da maconha, cocaína e do crack. Todavia, entendemos que a droga é, ao mesmo tempo, um remédio e um veneno (ESCOHOTADO, 1997). O que pode fazer da droga um tóxico é o lugar que ela (a droga) assume na vida do sujeito. Escotado (1997) busca uma articulação entre diferentes fatores para estabelecer

quando a droga se torna remédio ou quando ela se torna veneno, a saber: a) a dose usada; b) o objetivo do uso; c) a pureza da substância; e d) as condições de acesso a esse produto e modelos culturais de uso.

Entretanto, a definição de uma substância como “droga” depende, em última instância, não de suas propriedades farmacológicas, mas do modo como o Estado decide tratá-la (ESCOHOTADO, 1997; RODRIGUES, 2003). Declarada pelo governo de Richard Nixon (Estados Unidos), em 1972, a guerra às drogas tornou-se a tônica na abordagem internacional da questão das substâncias psicoativas ilícitas (RODRIGUES, 2003). Nessa época, o tema do controle mundial das “drogas” havia alcançado um nível de alta regulamentação, cujo documento maior era a Convenção Única da ONU sobre Psicotrópicos, de 1961. Esse tratado sintetizou uma série de convenções que, desde o Congresso de Xangai, em 1909 e a Convenção de Haia, em 1922, vinha elaborando restrições à livre produção, venda e consumo de drogas estimulantes, como a cocaína, e narcóticas, como os opiáceos (RODRIGUES, 2003).

O proibicionismo, gerado e concebido nos fins do século XIX, é resultado de vários fatores socioculturais. O aspecto econômico, sem dúvida alguma, teve forte contribuição na construção dessa política. Por um lado, interessava à indústria farmacêutica o monopólio da manipulação, refinamento e comércio do ópio e da cocaína. Por outro, a classe médica, através de sua ascensão, tomou para si a responsabilidade de rechaçar tudo o que pudesse ser caracterizado como xamanismo ou curandeirismo. Ainda, pode-se citar a participação de setores conservadores da sociedade cristã, que tinham força política junto aos legisladores, e que, valendo-se da ideologia da pureza moral, referendaram as políticas proibicionistas (CARVALHO, 2011).

Além do discurso proibicionista (RODRIGUES, 2003; CARVALHO, 2011), que criminaliza o usuário, temos o discurso médico, também hegemônico em nossa sociedade, que institui a “dependência química” como uma “doença crônica”, portanto incurável. Legitimadas por esse discurso, várias práticas constituíram a história da atenção ao usuário de drogas, dentre elas a que mais vigorou foi a reclusão em hospitais psiquiátricos. Somente em 2003 que o Ministério da Saúde estabeleceu a Política de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e outras Drogas (BRASIL, 2004) e reconheceu que houve um atraso histórico do Sistema Único de Saúde no enfrentamento de problemas associados ao consumo de álcool e outras drogas. A política vigente até meados de 2019 adotava uma abordagem não mais comprometida com o

controle e a repressão, mas sim com a redução dos danos e dos prejuízos. Cabe destacar que a nova política sobre Drogas no Brasil fragiliza a redução de danos enquanto direcionamento clínico e político.

Através da Política de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e outras Drogas, o Ministério da Saúde “assume de modo integral e articulado o desafio de prevenir, tratar e reabilitar os usuários de álcool e outras drogas como um problema de saúde pública” (BRASIL, 2004, p. 9). Nessa direção, propôs-se a criação de uma rede de atenção integral do Sistema Único de Saúde (SUS), que envolvem ações de prevenção, promoção e proteção à saúde; a construção de malhas assistenciais formadas por dispositivos especializados (os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas – CAPS AD) e não especializados (unidades básicas, programas de saúde familiar e hospitais em geral), bem como o estabelecimento de ações intersetoriais (BRASIL, 2004).

A política sobre drogas se insere no contexto do Movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil, que é pautado por dois paradigmas fundamentais: a desinstitucionalização e a reabilitação psicossocial (CEDRAZ; DIMENSTEIN, 2005). É importante enfatizar que esses dois paradigmas não se confundem e não têm os mesmos objetivos. A desinstitucionalização requer uma contínua desconstrução de ideologias e práticas cristalizadas, defendendo uma mudança para além dos muros dos serviços de saúde mental. Aproxima-se, dessa maneira, à luta antimanicomial, que trabalha na perspectiva de uma política por transformações estruturais da sociedade. A reabilitação psicossocial, por sua vez, fundamenta-se na ideia de que os usuários desses serviços sofreram inúmeras perdas em decorrência do seu adoecimento. Ela parte do registro da falta e busca assegurar a equidade entre iguais e diferentes (CEDRAZ; DIMENSTEIN, 2005).

Na esteira da defesa da Reforma Psiquiátrica, Teixeira (2003) propõe que os serviços de saúde sejam concebidos como um “Espaço Coletivo de Conversação”, composto por várias e distintas “regiões de conversa” interligadas. Os espaços coletivos de conversação, neste enfoque, são concebidos como encontros dialógicos, tecidos não apenas entre os serviços de saúde, mas, buscando dar conta das articulações de uma rede intersetorial, entre a educação, assistência social e cultura. Os encontros tiveram como ponto de partida o tema das drogas, e, partindo das referências colocadas pelo Ministério da Saúde, trabalha-se com a proposta de uma educação para a autonomia. Diante da dificuldade em formular um discurso pedagógico sobre

drogas, os educadores e profissionais da saúde, assistência social e cultura acabam incorporando um discurso dominante antidrogas, caracterizando uma pedagogia do medo. Vale ressaltar que a prevenção nestes moldes ensina a repetição de palavras de ordem, por exemplo, “diga não às drogas”, mas não instrumentaliza os sujeitos a avaliarem os riscos, as possibilidades de uso (que vai ocorrer em diferentes momentos da vida), entre outros.

Na perspectiva da Educação para a Autonomia, a abstinência deixa de ser “o” objetivo proposto para tornar-se num dos muitos caminhos possíveis. Identificada com a perspectiva da Redução de Danos, a Educação para a Autonomia se contrapõe aos discursos morais e legais que definem o usuário como um “doente” ou um “criminoso”. Esclarecendo e refletindo sobre os diferentes tipos de relação com a droga e as diversas possibilidades de ação educativa: os usos não dependentes, que envolvem riscos também, devem ser alvo de atenção e acompanhamento pedagógico, sem, contudo, moralizar e condenar o sujeito que faz uso da substância. A pedagogia do medo, ao invés de acompanhar, afasta o sujeito. Caso o uso seja dependente, os educadores podem atuar no sentido de estimular a formulação de uma demanda por tratamento, participando do encaminhamento, mantendo um acompanhamento pedagógico, e estabelecendo vínculos de confiança (ACSELRAD, 2005).

A realização deste projeto de extensão foi justificado institucionalmente por duas vias. A primeira, conforme a Comissão de Criação do Curso de Psicologia em Montenegro apontou no Projeto Pedagógico do Curso, refere-se ao interesse no e do município de Montenegro para que a UNISC implantasse um campus naquele município, que iniciou ainda em 2005, quando foi apresentada, pelo município, a primeira proposta de parceria, com vistas à posterior assinatura de um Protocolo de Intenções.

Neste sentido, o presente projeto buscava ampliar e consolidar a parceria estabelecida entre a UNISC e a prefeitura de Montenegro, bem como lançar as bases para futuros convênios que dariam sustentação ao curso de Psicologia e sua atuação junto à comunidade, através de atividades que envolvam os serviços das secretarias de saúde, assistência social, educação e cultura. Para além da consolidação da UNISC em Montenegro, este projeto visava articular a rede intersetorial no debate em torno do tema drogas, apontado pelos secretários municipais presentes em um reunião entre a prefeitura e a universidade, como um tema urgente a ser tratado junto à população.

Cabe enfatizar que, em nossa Instituição, o Curso de Psicologia assume o compromisso

com a pluralidade de diferentes abordagens psicológicas, com a contribuição e os desafios propostos pelas demais ciências, quais sejam, ciências humanas, biológicas e sociais e busca estar em consonância com o projeto universitário da UNISC. O Curso de Psicologia pretende ter um caráter participativo junto à sociedade, através de um constante processo de planejamento e investigação das necessidades das comunidades regionais, sem desconsiderar, entretanto, os movimentos atuais da ciência da Psicologia no Brasil e no mundo.

A segunda via que justificou a criação deste projeto, refere-se à questão das drogas no Brasil. Em abril de 2016, o primeiro autor deste manuscrito defendeu, junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, a tese de doutorado intitulada “Narrativas do Desassossego: do re-en-colhimento às práticas de acolhimento a usuários de drogas na Rede de Atenção Psicossocial de Porto Alegre/RS”. Durante a pesquisa de doutorado, o autor acompanhou três contextos da rede: um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD), uma equipe de Consultório na Rua (CR) e uma equipe da Área Técnica em Saúde Mental. Junto aos profissionais e usuários da RAPS, foram realizados grupos de discussão e entrevistas narrativas.

Dentre tantas coisas que surgiram nessa pesquisa, um aspecto se tornou fundamental. Levando ao pé da letra a frase de Leonardo Boff, “um ponto de vista é a vista de um ponto”, percebe-se que cada ponto de atenção da rede acaba vendo e acolhendo o usuário de drogas a partir de sua perspectiva. Mas não é possível acolher em um serviço isolado. Existe uma série de possibilidades para que o usuário de drogas seja efetivamente acolhido: condições de trabalho, processos e relações de trabalho no contexto dos serviços, representações sociais que temos sobre as drogas e sobre os usuários de drogas, as desigualdades sociais, o preconceito e exclusão de que sofrem tantos usuários de drogas. Nesse sentido, a ideia de uma “condição de acolhimento”, proposta nesta tese, deve ser um empreendimento do poder público e de toda a sociedade, para que consigamos construir uma cidade mais acolhedora, uma cidade com espaços públicos que acolham e incluam.

É dentro do contexto dessa pesquisa que o projeto de extensão aqui apresentado começa a ser delineado. Aliou-se à essa vontade de retomar questões desenvolvidas sobre o acolhimento a possibilidade de abertura de um curso de Psicologia no campus da UNISC de Montenegro. Conhecer o território e a comunidade de Montenegro, aproximando a UNISC ainda mais da cidade de Montenegro e de suas demandas, e trabalhar com uma proposta de articulação de uma

rede intersetorial no campo das drogas, foram os objetivos que nortearam o presente projeto, que foi desenvolvido em Montenegro. Os desdobramentos desse projeto inicial poderão fazer com que a extensão no Curso de Psicologia de Montenegro contribua na formação da/o estudante no que se refere à possibilidade da vivência em equipe multiprofissional e na construção do conhecimento de modo interdisciplinar.

No campo das drogas e da atenção às pessoas que sofrem com o uso de substâncias, a questão da continuidade e da integralidade do tratamento são fundamentais e também um desafio para a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Por isso, surgiu a proposta do projeto de extensão com instituições da saúde, educação e assistência social, propondo encontros dialógicos com gestores, profissionais e usuários dos serviços, bem como com estudantes de escolas públicas e privadas, visando a construção de articulações da rede intersetorial frente à questão do uso e abuso de drogas na comunidade de Montenegro e região do vale do Caí.

Assim, serão apresentadas as principais ações de extensão realizadas no campo da educação, tendo como objetivo refletir sobre o que se produziu como efeitos nesse campo, bem como delinear possíveis ações futuras junto à comunidade. Destaca-se, ainda, que neste manuscrito são apresentadas as experiências desenvolvidas ao longo dos quatro anos de projeto (2016-2019).

3 METODOLOGIA

Embora se trate de um projeto de extensão, a metodologia proposta é inspirada na tradição das pesquisas participativas, mais especificamente da Pesquisa-Intervenção, bem como da cartografia. A pesquisa-intervenção é uma das formas de pesquisa participativa/participante, que surge como um movimento frente às pesquisas científicas tradicionais, problematizando as relações entre o investigador e o que é investigado, entre sujeito e objeto, teoria e prática (ROCHA; AGUIAR, 2003).

A pesquisa-intervenção nos contextos aqui propostos, portanto, fornece ferramentas importantes, como o campo de análise, o campo de intervenção, os analisadores e a noção de restituição como elementos que podem vir a desnaturalizar a pedagogia do medo, amplamente utilizada nas abordagens sobre drogas e/ou na desconstrução de outros temas que transversalizam as práticas nos diferentes serviços da saúde, assistência social e educação. A reconceitualização, por exemplo, de noções como a de grupo e instituição, possibilita aproximar a

pesquisa-intervenção da perspectiva da Redução de Danos (RD), que sustenta teórica e eticamente a construção desse estudo. A RD, ao desconstruir a ideia de uma única forma de subjetivação em relação às drogas, a figura do “dependente químico” ou do “criminoso”, acaba por se tornar uma prática instituinte no campo das políticas sobre drogas. Ademais, ao tomar como pressuposto a construção da subjetividade, em relação com o cuidado, como um processo, transformando aquele que foi cuidado em cuidador, também nos aproxima da perspectiva cartográfica.

A cartografia consiste em um método que, ao contrário do que é esperado, rompe com a noção de linearidade e previsibilidade da pesquisa, apostando na experimentação do pensamento e na produção de um trabalho investigativo que não se baseie em prescrições ou objetivos previamente estabelecidos, assim como a RD faz em relação ao cuidado com os usuários de drogas. O desafio da cartografia, assim, está na realização de uma reversão do sentido tradicional de método, ou seja, ao invés do pesquisador caminhar para atingir metas prefixadas, ele caminhará e, a partir do próprio percurso, traçará os seus objetivos (PASSOS; BARROS, 2010). Nesse sentido, os objetivos amplos desse projeto de extensão denotam a abertura para esse caminhar e ir sentindo os relevos dos territórios e relações que vão sendo tecidas nos encontros do pesquisar-intervir.

A dimensão da criação, afirmada na pesquisa sustentada no paradigma ético-estético da cartografia, faz emergir uma pesquisa/prática implicada, uma prática-inclinação que produz desvios no e sobre o campo, pesquisa que não dissocia sujeito de objeto, uma pesquisa que transforma e é transformada pelo campo, uma pesquisa-intervenção (PAULON; ROMAGNOLI, 2010). Na relação entre pesquisa-intervenção e cartografia, os desvios e devires próprios do pesquisar fazem com que os extensionistas escutem o inesperado que produz alterações nas demandas, atentando também para os deslocamentos produzidos nas subjetividades daqueles que participam das ações e nos focos de invenções parciais que abrem novos caminhos para a pesquisa e para a extensão. E, assim, ao longo de 4 anos de projetos de extensão, as ações vão pensadas e repensadas num processo contínuo de encontro com os sujeitos no campo, que produzem questionamentos, inflexões e demandas que redesenham nossa proposta inicial.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Nessa seção do manuscrito apresentaremos as principais ações do projeto no contexto

das políticas de educação. Embora essas ações sejam aqui apresentadas de forma separada, elas foram sendo pensadas, constituídas e desenvolvidas concomitantemente, ou uma como efeito da outra, no processo cartográfico iniciado em Montenegro no ano de 2016 e tomado como letras grafadas de uma experiência no ano de 2019.

Rodas de Conversa sobre Drogas, Saúde e Educação

No ano de 2016 foram realizadas três rodas de conversa, no campus da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC de Montenegro, abertas à comunidade. Os encontros tiveram como temas: “O problema das drogas na atualidade e o cuidado a pessoas que usam drogas – que sociedade queremos?”; “Da prevenção à reinserção e reabilitação psicossocial – que saúde e educação queremos?”; “As práticas de acolhimento a pessoas que usam drogas – que cuidado queremos?”. Inscreveram-se nos três encontros 152 pessoas (no primeiro foram 59, no segundo foram 52 e no terceiro foram 41), de diferentes áreas (profissionais da saúde, assistência social, educação, representantes de Conselhos Municipais e das secretarias de saúde e educação). Ao final dos encontros, os participantes foram convidados a avaliar a proposta, que foi, em sua maioria, considerada como intervenção muito boa junto à comunidade. Cabe destacar ainda que a maioria dos participantes foram professores da rede municipal, sendo esse espaço o responsável pela articulação com a educação, uma vez que não foi possível visitar as escolas.

Oficinas sobre Drogas, Saúde e Educação

Já no ano de 2017, os encontros tiveram um formato diferente: ao invés de rodas de conversa, foram propostas oficinas, tendo como público-alvo preferencial os profissionais da educação. Foram realizadas, no campus da UNISC de Montenegro, cinco encontros abertos à comunidade, intitulados “Oficinas sobre Drogas, Saúde e Educação”. Em todos os encontros, participaram aproximadamente 30 pessoas. Os encontros tinham como disparador atividades iniciais, envolvendo construção de cartazes, dinâmicas de grupo e vídeos que pudessem ser adaptados pelos professores para o desenvolvimento em sala de aula com os estudantes. Após as atividades iniciais, seguiam-se os debates com o grupo. O primeiro encontro foi composto por uma sessão de cinema e debate sobre o filme “Depois de Lúcia”¹. Todos os temas que

¹ O filme conta a história de Roberto e sua filha Alejandra, de quinze anos. Após a morte de Lúcia (esposa de Roberto e mãe de Alejandra), a relação do pai e da filha ficou abalada. Para escapar da tristeza que tomou conta

serviram como base das oficinas tiveram relação direta ou indireta com a história do filme.

No segundo encontro, a oficina “Violência nos Contextos Educacionais” abordou com os participantes, questões como preconceito, violência (na escola, da escola e contra a escola; física, simbólica, verbal, etc.) e bullying. A oficina “Uso de Drogas e Adolescência”, no terceiro encontro, abordou, de forma dinâmica, os conceitos de adolescência e questão uso de drogas na adolescência. No quarto encontro foi realizada a oficina “Saúde Mental e Questões de Gênero”, com discussões sobre machismo, feminismo, gênero e sexualidade, bem como formas de abordar esses temas nas escolas. Por fim, no último encontro foi realizada a oficina “As relações entre família e Escola”, na qual os participantes tiveram a oportunidade de refletir sobre as funções e relações entre as famílias e as escolas.

Participação em eventos da comunidade

Ainda no ano de 2017 os membros do projeto de extensão foram convidados pela Secretaria Municipal de Educação, para participar do 16º Encontro Nacional de Educação com uma sugestão de oficina. Foi proposta a oficina intitulada “Experiências e Estratégias de Prevenção ao uso de drogas e promoção de saúde nas escolas”, cuja ementa foi: sensibilização quanto aos conceitos de prevenção, promoção de saúde e educação para a autonomia no campo das drogas; questões socioculturais sobre o uso de drogas nas sociedades contemporâneas; drogas na escola: estratégias de prevenção e promoção de saúde; experiências de projetos de prevenção em escolas. A oficina teve duração de 4 horas e contou com a participação de 70 professores da rede pública de educação.

Já em 2018, a convite do Conselho Municipal Antidrogas (COMAD)², o grupo participou da Semana Municipal de Prevenção ao Uso de Drogas. Estavam presentes no

da rotina de ambos, pai e filha se mudam de cidade e vão morar na Cidade do México. Em busca de uma nova vida, Roberto inicia um novo trabalho e Alejandra ingressa em uma nova escola, na qual passa a sofrer abusos físicos e emocionais depois de ter um vídeo compartilhado entre os colegas de escola. Intimidada e envergonhada, a filha não conta nada para o pai, e à medida que eles se afastam cada vez mais, a violência toma conta da vida dos dois.

² Com a alteração da nomenclatura da secretaria e do conselho nacional sugeridas pela Lei nº 11.754/2008, as esferas estaduais e municipais também iniciaram essa alteração de antidrogas, para políticas sobre drogas. Mais do que uma alteração de nomenclatura, tal mudança representava um redirecionamento do trabalho realizado pelos conselhos nacional, estaduais e municipais, com a superação de uma perspectiva meramente repressiva. Entretanto, durante o período de realização deste projeto de extensão, o conselho do referido município permanecia com a nomenclatura “antidrogas”. O primeiro autor deste manuscrito atuou por um período como conselheiro do COMAD, tendo redigido um texto para a justificativa da mudança no nome do Conselho, o que acabou não sendo levado à Câmara de Vereadores e ao Gabinete do Prefeito.

Auditório da Brigada Militar de Montenegro cerca de 200 estudantes, em sua maioria de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. A proposta foi de um *talk show* sobre o uso e abuso de álcool, tema escolhido pelo COMAD a ser abordado durante essa semana. O evento contou ainda com a participação de dois psiquiatras, um vinculado ao CAPS I e outro vinculado ao Hospital Montenegro.

Rodas de Conversa com estudantes nas escolas

Essa atividade iniciou a partir dos pedidos de professores e direções de escolas para abordar o tema das drogas junto aos estudantes, e aconteceu ao longo do ano de 2017 e início de 2018. Ao total foram acessadas 4 escolas: Escola Gonçalves Dias (Triunfo), Escola do SESI, CIEP e Escola João Pedro Muller. Os temas trabalhados foram o uso de drogas e a construção de projetos de vida, totalizando a participação de 230 estudantes, em sua maioria de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental, bem como estudantes de Ensino Médio (na Escola do SESI, principalmente, e no noturno do CIEP).

Com exceção da escola de Triunfo, na qual foi abordado o tema da Construção de Projetos de Vida, nas demais escolas a conversa e o debate foi sobre o uso e abuso de drogas. A atividade consistiu na técnica da caixa de perguntas. Os estudantes que tivessem interesse foram convidados a escrever uma ou mais perguntas em um papel. Todos os papéis eram dobrados e colocados em uma caixinha. Ao som de uma música, a caixa passava de mão em mão, até parar o som. O estudante que estava com caixa nesse momento deveria tirar uma das perguntas e ler em voz alta. A conversa se iniciava sempre a partir dessas perguntas, no intervalo de tempo de uma a duas horas.

Além dessas escolas, fomos convidados a participar da Semana Multicultural da Criança e do Adolescente, em outubro de 2017, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Etelvino de Araújo Cruz, com turmas de 4º, 6º e 7º anos, totalizando 40 estudantes³. Nessa oportunidade não foi utilizada a técnica da caixa de perguntas. Foi uma atividade expositivo-dialogada, com a participação intensa dos estudantes, principalmente dos que estavam no 4º ano. Mesmo com participação ativa dos estudantes, observamos que a dinâmica das perguntas funcionou melhor,

³ Cabe destacar que, embora nossas ações geralmente fossem organizadas com objetivos conforme faixa etária e séries mais específicas, em algumas escolas as turmas eram unidas para atividades de temas transversais no currículo, como era o caso das discussões sobre prevenção ao uso de drogas. Nessas situações, a linguagem utilizada e os objetivos traçados são adaptados para a compreensão de todas e todos as/os participantes.

pois os estudantes se sentiam participantes da construção da “palestra” e eles mesmos se arriscavam a responder as perguntas feitas pelos colegas.

Roda de Conversa – Da Pedagogia do Medo à Educação para a Autonomia: construindo um Fórum Permanente sobre Drogas, Saúde e Educação

Essa roda aconteceu em julho de 2018 e contou com a presença de aproximadamente 30 pessoas. A maioria dos participantes foram estudantes da UNISC. Uma turma do Curso de Educação Física participou do encontro junto com a professora da disciplina e alguns alunos do Curso de Psicologia. Alguns profissionais da rede de saúde e educação também participaram do encontro.

Após uma fala sobre os modelos de atenção e prevenção no campo das drogas, seguiu-se o debate sobre a criação de um Fórum Permanente, com encontros mensais. Buscou-se, nesse encontro, problematizar e refletir sobre o modelo hegemônico da pedagogia do medo, pautado no paradigma da abstinência e no enfoque repressivo. A aposta é na Educação para a Autonomia, através da qual o estudante deve ter acesso às informações e pode conseguir pensar sobre o uso de drogas. Os participantes da roda fizeram muitas perguntas e relatos, o que evidenciou o interesse pelo tema e a satisfação com a atividade proposta. Ao final deste encontro, começou-se a pensar sobre como poderia funcionar um Fórum Permanente, que veio a ocorrer o primeiro encontro no mês seguinte.

A ideia desse Fórum surgiu a partir de demandas apresentadas por professores do município que, segundo eles, carecia de espaços de debates e construção de projetos de prevenção e promoção de saúde nas escolas. Foram programados cinco encontros, de agosto a dezembro. No primeiro encontro participaram aproximadamente 20 pessoas. Em setembro e outubro, o número de participantes foi diminuindo, chegando a aproximadamente seis participantes. Em novembro apenas dois participantes e em dezembro o encontro não ocorreu por falta de participantes.

Essa é uma atividade que precisa ser repensada e reformulada, uma vez que não alcançou o seu público-alvo: os professores. Apenas nos encontros de julho e agosto percebeu-se a participação de alguns professores da rede pública de Montenegro. Nos demais encontros, 4 participantes se mantiveram constantes nos debates. Uma psicóloga e um professor de um Instituto Federal de Educação de outro município; e dois profissionais de uma Comunidade

Terapêutica. A proposta inicial era de que os encontros se constituíssem num espaço de escuta das demandas e reflexões conjuntas para ações nas escolas. Os profissionais do IFRS sempre traziam demandas e pensávamos em possíveis encaminhamentos para as situações narradas. Os profissionais da CT acabavam sempre reproduzindo o mesmo discurso da dependência química e do quanto a CT era uma boa opção terapêutica. Em um dos encontros, um dos profissionais da CT demonstrou interesse em elaborar ações de prevenção nas escolas, buscando alcançar um maior número de jovens e estender os debates para além da universidade. Essa ideia surgiu ao final do ano, não tendo tempo suficiente para avançar com essa ideia.

Grupo de Estudos e Ações nas Escolas

Com o intuito de dar continuidade e estender as ações junto às escolas, em 2019 um dos focos do projeto foi a criação de um grupo de estudos. Esse grupo, inicialmente composto por 4 estudantes da graduação em psicologia, debruçou-se em leituras que versavam sobre políticas de drogas e questões relativas à promoção de saúde e prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar. Entendendo a escola como um ambiente propício para a atuação preventiva, a partir dos pressupostos da Educação para a Autonomia (ACSELRAD, 2005), esse grupo de estudantes, junto aos orientadores, buscam considerar as diferentes faixas etárias e características de crianças e adolescentes para propor oficinas.

Nas ações realizadas até o momento, percebeu-se que os jovens não gostam e não aprovam o modelo convencional em forma de palestras, através do qual uma pessoa fala e eles somente escutam. Estes jovens querem e aprovam modelos de abordagens e propostas em que eles tenham consciência crítica, espaços para questionamentos e discussões. Nessa direção, o projeto propõe estabelecer vínculos com os mesmos, fazendo com que eles tenham uma participação criativa e desenvolvam pensamento crítico. Para que de fato ocorra o engajamento do jovem em uma ação coletiva é necessário que ele se considere como parte de um projeto coletivo, contextualizado e situado (PRADO; PERUCCHI, 2011).

A partir desses pressupostos, o grupo de acadêmicos construiu uma proposta em que serão desenvolvidos 3 (três) encontros com cada grupo nas escolas, com a participação de, no máximo, 9 (nove) alunos. A seleção das escolas nas quais serão realizadas as oficinas pelos bolsistas do projeto de extensão ocorrerá a partir de uma lista de solicitações realizadas por instituições de ensino junto à UNISC. Já a definição das turmas e estudantes que participarão

da ação proposta ocorrerá em diálogo entre a equipe extensionista e direção e coordenação pedagógica de cada escola.

No primeiro encontro haverá a participação dos três acadêmicos de psicologia, onde um ficará a cargo de conduzir o encontro de forma geral, como coordenador do grupo ou oficina. O foco deste primeiro encontro será conhecer um pouco da história de cada um dos alunos participantes e seus conhecimentos acerca do tema “drogas”, bem como apresentar os graduandos e a forma que será conduzida a ação proposta. Esse será o momento em que os alunos, de forma totalmente livre, terão a oportunidade de expressar os seus conhecimentos acerca do tema através da arte e da fala. Eles serão divididos em três grupos, de pelo menos 3 (três) alunos, e aqui cada graduando ficará responsável por conduzir um dos grupos. Cada grupo receberá um papel pardo, tinta tempera, revistas, tesouras, e poderão colocar no papel elementos que ajudarão no entendimento dos seus conhecimentos acerca do tema. Propomos, com isso, assim como afirma Figueiredo (2011),

um diálogo claro e honesto sobre a existência das drogas, seus diferentes consumos e motivações, os efeitos das diferentes substâncias e formas de uso. Isso significa uma ação educativa, seja na escola com atividades intra e extracurriculares, em espaços de saúde, sociabilidade, lazer, mas também pelo uso educacional da própria mídia. Para que este diálogo ocorra, é fundamental conhecer as características sociais, de lazer e os códigos culturais dos jovens, de forma a facilitar a comunicação e ação com esses grupos, gerando troca de informações com base científica, estimulando atitudes autônomas de autocuidado. (p. 54).

No segundo encontro, os alunos terão a oportunidade compartilhar a construção de conhecimentos dos pequenos grupos com o grande grupo, ou seja, cada um dos 3 (três) grupos terão momentos de protagonismo, através dos quais os alunos graduandos terão uma coparticipação, auxiliando no esclarecimento de dúvidas que possam surgir, bem como aproveitando oportunidades para ampliar o conhecimento dos alunos. No terceiro encontro, trabalhando com a premissa de que o grande grupo se apropriou de algum conhecimento acerca do tema, será construída coletivamente uma produção artístico-cultural (cartaz com tinta em um pano).

Ressaltamos que essa atividade foi discutida e planejada pelos graduandos em psicologia, integrantes do projeto de extensão, sob supervisão dos professores orientadores. À medida em que o grupo avançava e se aprofundava nas leituras sobre drogas, prevenção às drogas nas escolas e políticas públicas, as ideias iam sendo discutidas e amadurecidas. Essa proposta, contudo, ainda não foi desenvolvida nas escolas, pois seu início estava previsto para

o mesmo período em que começamos a viver o distanciamento social (pandemia do Covid-19), em meados de março de 2020.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do desenvolvimento do Projeto de Extensão “Encontros Dialógicos sobre Drogas, Saúde e Educação na comunidade de Montenegro/RS”, foram aproximadamente 700 pessoas beneficiadas, apenas no âmbito da educação. Para além dos números, o que se conquistou ao longo de quatro anos foi uma profícua articulação com escolas, professores, estudantes e a construção de espaços dialógicos sobre o tema das drogas.

Esses espaços dialógicos, no contexto deste projeto, são muito heterogêneos, incluindo a proposição de palestras, oficinas com estudantes e professores, grupo de estudos, dentre outros. Todas as ações, embora singulares, em relação ao contexto e público, tem características que as transversalizam: a educação para a autonomia, a valorização dos diferentes saberes sobre o tema, o entendimento de que a conscientização não é um processo que acontece de fora para dentro e a necessidade de conversar, de forma crítica e clara, sobre o tema das drogas.

Através dessas atividades de extensão, sentimos que a universidade se aproxima da comunidade, cumprindo o que acreditamos ser o papel fundamental das instituições de ensino superior em nossa sociedade: a construção de conhecimentos *com e para* as pessoas. Assim sendo, a extensão traz sempre consigo a dimensão da pesquisa, ainda mais quando se adota a cartografia enquanto método da pesquisa-intervenção, pois não se propõem ações extensionistas tomando conhecimentos produzidos apenas pelos sujeitos da academia, mas produzindo conhecimentos com as pessoas, saber e saber fazer são coproduzidos nos contextos de atuação.

Enquanto projeto sempre em movimento, cartográfico, as ações vão sendo pensadas e repensadas, num contínuo processo de estudo, supervisão e intervenção. A intervenção também transforma os facilitadores do processo, nessa articulação entre ensino, pesquisa e extensão. As escolas, por sua vez, carecem de ações junto aos estudantes e professores. Estes se queixam que os jovens usam drogas cada vez mais cedo, mostram-se sem esperança e sem planos para o futuro. Projetos como esse não podem e não conseguem resolver essa demanda, mas criam espaços importantes de diálogo em um momento de tantos retrocessos e silenciamentos, especialmente no caso das políticas públicas sobre drogas.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, G. A Educação para a autonomia: construindo um discurso democrático sobre as drogas. p. 183-212. In: ACSELRAD, G. (Org.). **Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Nacional DST/Aids. **A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. (2a.ed.). Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CARVALHO, J. C. de. Uma história política da criminalização das drogas no Brasil: a construção de uma política nacional. **VI Semana de História e III Seminário Nacional de História: Política, cultura e sociedade**. Programa de Pós-Graduação em História/UERJ, 2011.

CEDRAZ, A.; DIMENSTEIN, M. Oficinas terapêuticas no cenário da reforma psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não? **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, p. 300-327, 2005.

ESCOHOTADO, A. **O livro das drogas – Usos e abusos, desafios e preconceitos**. São Paulo: Dynamis Editorial, 1997.

FIGUEIREDO, R. Prevenção ao abuso de drogas utilizando estratégias culturais de redução de danos. **Revista Juventude.br.**, Ano 5, dez./2010. Centro de Estudos e Memória da Juventude – CEMJ, 2011.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber – Representações, comunidade e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSO, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 32-51.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Ano 10, n. 1, p. 85-102, 2010.

PRADO, M. A. M.; PERUCCHI, J. Hierarquias, sujeitos políticos e juventudes: os chamados “movimentos” juvenis circunscrevem um sujeito político na contemporaneidade. (p.347-360). In: DAYRELL, J.; MOREIRA, M. I. C.; STENGEL, M. (Orgs.). **Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2011.

ROCHA, M.; AGUIAR, K. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

RODRIGUES, T. Política de drogas e a lógica dos danos. **Revista Verve**, São Paulo, NuSol/PUC-SP, n. 3, 2003.

SANTOS, B. de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

TEIXEIRA, R. R. O acolhimento num serviço de saúde entendido como uma rede de conversações. p. 89-111. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. de (Orgs.). **Construção da integralidade**: cotidiano, saberes e práticas em saúde. Rio de Janeiro: IMS-UERJ, ABRASCO, 2003.